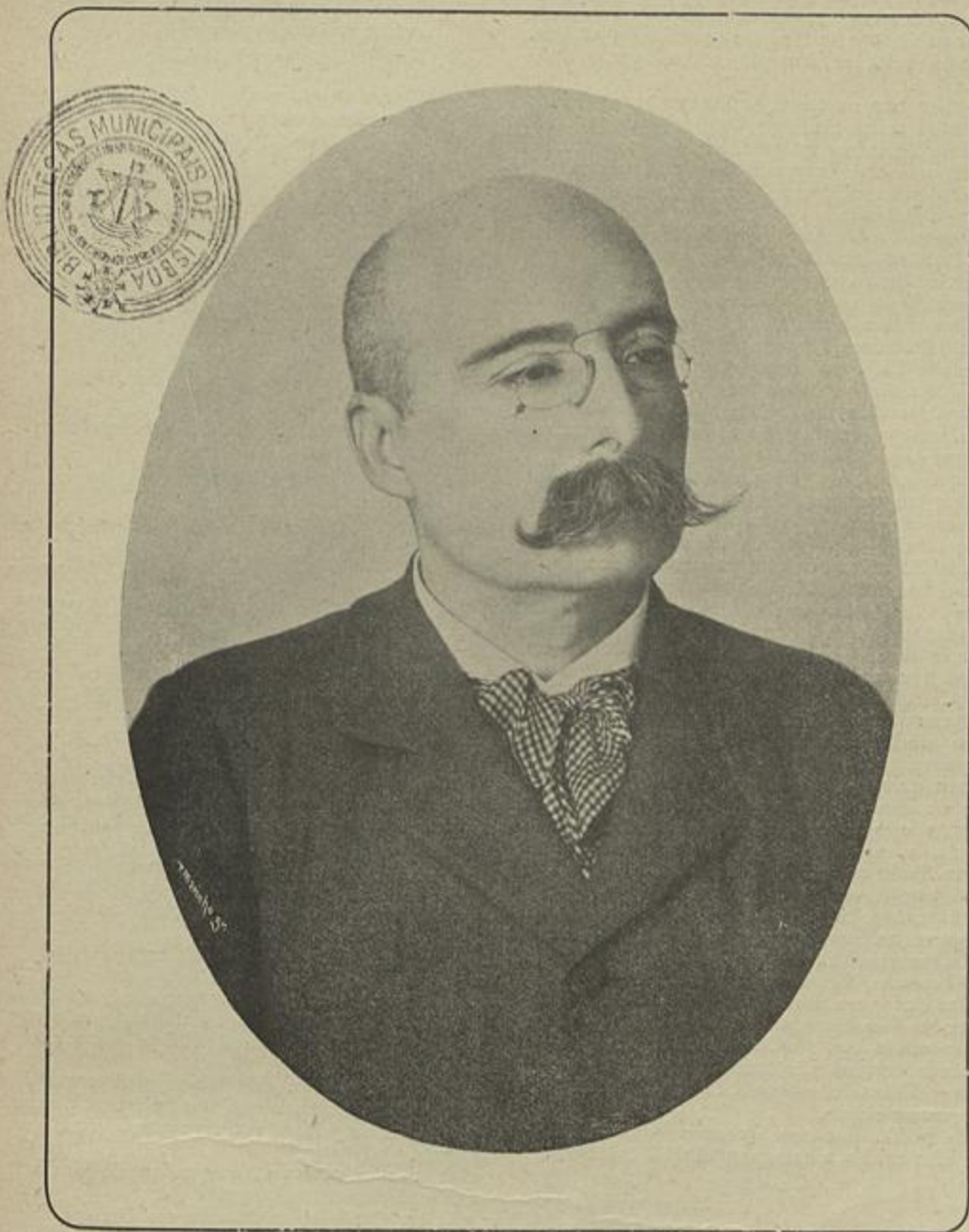
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:021

10 DE MAIO DE 1907

Redacção – Atelier de gravura – Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos

DR. ZOFIMO CONSIGLIERI PEDROSO
(Cliché da Fotografia Portuguêsa)

Chronica Occidental

Ora eu bem desejava variar um bocado de assumpto, mas como ha de ser?

Não falar de politica é impossivel, desde que tres ministros sahiram e tres politicos acabam de sacrificar sua virgindade. De mais se tem falado de incendios; mas se até o ceu se lembrou na ultima trovoada de imitar os hespanhoes! Hei de falar de incendios por força. A *grève* dos estudantes é assumpto velhissimo; mas se os rapazes não socegam!

Que se trabalhe em arte, em litteratura, em theatro, em busca de themas novos, é obrigação de artistas, de poetas, de dramaturgos; mas o triste chronista, esse do céo lhe venha o remedio, ha de contentar-se com o que o noticiario lhe fornece, muito ou pouco, novo ou velhissimo, ainda de costuras por assentarem ou estafado como a sobrecasaca d'um pedinte.

Escrevo em quinta feira de Ascenção, um dia santo falado, cheio de poesia por suas tradições. Imagina-o sempre a gente cheio de sol, illuminando os ranchos alegres dos que vão por esses campos colhendo a espiga, armando ramalhetes enormes de papoilas rubras. O lindo ramo trará comsigo para casa a certeza de abundancia, um anno inteiro. E, pelo sim, pelo não, já se vae jantando abundantemente n'esse dia. Costumam encher-se todas essas casas de pasto dos arredores de Lisboa, no Dáfundo, em Xabregas, em Cabo Ruivo, em Bemfica, no Lumiar, na estrada de Sacavem.

Mas o sol não quer hoje ser de festa: a tarde — e já vamos em maio! - está d'uma melancolia, que lembra as mais sombrias horas de dezembro. É natural que, hoje, mais tarde, uma gota de vinho a mais nos toutiços tenha afastado as melancolias para muito longe. E eu a acabar de escrever estas linhas e um raiosinho de sol a animar os emprezarios de Algés, onde deve representar-se uma parodia dramatico-tauromachica.

Tambem no Campo Grande deve hoje haver grande festa, promovida pela incansavel Sociedade Propaganda de Portugal. Pelo que dizem os jornaes d'esta manhã, espera-se concorrencia enorme não havendo já em Lisboa, hontem á noite, carruagem que não estivesse alugada. O jury encarregado de distribuir os premios é composto pelo sr. conde de Fontalva, presidente, e pelos vogaes, srs. José de Mello, Eduardo Romero e Augusto e Guilherme Ferreira Pinto Basto.

O raio de sol de que falei uma linha atraz foi ovante de alegria. Entrou-me agora o sol a jorros pela janella. Ora queira Deus que elle ajude á festa. Flores não faltam agora em Lisboa e nunca tantas e tão bellas rosas vimos como este anno.

Não será portanto tão feio, como de manhã parecia o famoso dia da espiga.

E, pedindo perdão do estafado trocadilho, vamos a ella, quer dizer, tratando-se de obrigação com devoção pouquissima, falemos um bocadinho dos fogos, dos estudantes e da politica.

Os tres incendiarios hespanhoes já nomearam advogados: do Gonzalez é o dr. Alexandre Braga; do cunhado do Gonzalez o dr. Cunha e Costa; do Fernandez, o dr. Martins de Carvalho.

Dissemos que o céo imitara os hespanhoes e assim foi: um raio pegou fogo a uma casa no casal do Almeida, ao alto da Avenida, a qual, longe de todos os socorros, ardeu completamente, e outra faisca, no Bom Successo, poz em serio risco uma familia, incendiando-lhe as roupas.

Em Xabregas ardeu, pode dizer-se completamente, uma enorme estancia de madeiras. Avistava-se de toda a cidade o pavoroso clarão. Não houve victimas.

O mesmo, porém, não succedeu com a explosão na casa de fogos de artificio, na rua do Alvito, em Alcantara, que esfacelou a pobre operaria, Luiza Moreira, mãe d'uns poucos de filhos. Pormenor commovente: andava ella alegre n'esse dia que era de festa em casa. Fazia dez annos o pequenino mais novo.

Ainda não está determinado o dia em que ha de effectuar-se o enterramento dos mortos no incendio da rua da Magdalena. Será um espectaculo grandioso e commovente

O horrivel desastre é ainda hoje de todos os assumptos o mais falado. Só elle poderia distrahir as attenções de tantos interessados na questão dos estudantes, cuja solução ainda não é licito esperar para muito breve, apesar de tão urgente. Os estudantes militares continuam nas escolas praticas;

todos os dias apparecem nos jornaes cartas de estudantes reclamando liberdade de acção; a circular da commissão de paes de alumnos vai conquistando assignaturas; a commissão executiva de Coimbra renunciou, mas já depois retomou o mandato; um grupo de estudantes subscreveu uma proposta conciliatoria que envia a todos os academicos da Universidade, tentando conseguir uma solução honrosa do conflicto. Esperanças, sim, mas certeza nenhuma.

E' este um dos casos mais serios com que o governo se vê embaraçado. Uma crise sempre é mais prompta a resolver, até quando não seja extraordinariamente facil. Com a prata da casa se governou o sr. João Franco, finalmente.

Os grandes ataques são agora motivados pelo gabinete negro, que todas as semanas querella um sem numero de artigos jornalisticos. Dá se, porém, o caso curioso de ser o primeiro julgamento em Lisboa, por transgressão da lei de imprensa, o da sr.ª D. Maria José Vicente Castanheira e do sr. Jayme Valente, aquella dona da typographia onde foi impresso o discurso do sr. presidente do conselho, e este editor da publicação. Um cumulo, que, realmente, tem seu lado algum tanto comico.

No Porto tambem os processos se accumulam. Um telegramma que lemos no *Seculo* annuncia que só o editor da *Voz Publica* responderá no sabbado em cinco processos por abuso de liberdade de imprensa.

Os ares são turvos, com figura e sem figura. Com figura é que pode ser mau, que no resto, segundo a opinião dos lavradores, foi o mau tempo agora o melhor possivel. As ultimas chuvas beneficiaram muitissimo os campos. Os lavradores já vão alijeirando os sobrecenhos e, quanto mais o cariz do céo estiver minaz, mais as rugas medrosas se irão desfazendo nos rostos. Tão mau se annunciava o anno, que dá gosto ler as correspondencias de todos os pontos da provincia enviadas aos jornaes de Lisboa, cantando hymnos á chuva.

E já agora, continuemos com as boas novas.

Parece estar confirmada a noticia da ida de El-Rei ao Brazil, accedendo ao convite que lhe foi feito pelo governo d'este paiz. Vai ser triumphal decerto esta viagem do primeiro magistrado portuguez ao povo a que nos unem os mais apertados laços bemditos. A colonia portugueza, segundo um recente telegramma, offerecerá a El-Rei um palacio destinado a servir de séde á legação de Portugal. Por aqui se póde medir o enthusiasmo que já lá vai reinando entre os nossos. Mas entrarão tambem nas commovedoras e jubilosas boas vindas todos os brazileiros a cuja fraternidade, cada vez mais comprovada, Portugal tem por dever mostrar sua gratidão.

Raros voltam do Brazil, que não venham bemdizendo a boa hora da inspiração que tão longe os levou. Dos artistas portuguezes qual d'elles não encontrou em terras brazileiras um carinhoso acolhimento? Lá anda agora, Malheiro Dias, tratando de negocios da *Illustração Portugueza* e decerto encontrando amigos em todos os que de letras se occupam nas grandes cidades de além mar.

Deixou-nos elle, como bilhete de despedida, um novo primoroso livro de contos. Este bastaria para recommendal-o a todos os escriptores brazileiros, se já não fosse o de Malheiro Dias um dos mais gloriosos nomes das letras portuguezas.

Um dos artistas que mais glorias conquistou em terras brazileiras, temol-o agora entre nós e já poude o publico de Lisboa applaudil-o uma d'estas noites. Tem elle um nome conhecido no mundo inteiro e sobretudo em terras dos grandes musicos, na Allemanha, onde reside. Referimo-nos a Vianna da Motta, que, no proximo domingo, dará seu segundo concerto no salão do Conservatorio. E' o eximio pianista actualmente uma das grandes incontestadas glorias de Portugal.

E demoremo nos ainda um bocadinho em coisas d'arte, escrevendo umas linhas de referencia á exposição de paizagem da Sociedade Silva Porto, nas grandes salas da redacção do *Seculo*. São oitenta e cinco os quadros expostos e d'esses já mais d'uma quarta parte estão vendidos. E' de esperar que o publico continue frequentando estes certamens e que demonstram um esforço digno do maior elogio.

Merecem protecção os artistas portuguezes, que trabalham n'um meio ainda longe da altura a que o deve subir um povo que se presa de educado. Ainda ha pouco morreu entre nós, quasi na miseria, um artista de muito valor, Celso Herminio. Em favor da viuva e dos filhos promovem amigos do fallecido uma rifa de objectos d'arte para que concorreram os melhores artistas portuguezes. Bemditos estes sejam. A exposição foi feita n'uma sala da antiga casa Camacho, hoje pertencente a Arnaldo da Fonseca. *Les morts vont vite* dizem. Não no coração dos artistas.

João da Camara.

Zofimo Consiglieri Pedrozo

Pede-me o meu velho amigo, Caetano Alberto, director do Occidente, para acompanhar o retrato do insigne democrata, Z. Consiglieri Pedrozo, com algumas palavras. E'-me extremamente agradavel satisfazer este pedido, que me permitte recordar os dias mais saudosos da minha mocidade e prestar uma sincera e calorosa homenagem a uma das personalidades mais em evidencia do nosso paiz, que, por todos os titulos, se impõe á consagração publica.

Frequentava eu ainda a Universidade, quando me foi dado o prazer de travar relações com Consiglieri Pedrozo, então alumno do curso superior de letras. Encontrámo-nos, pela primeira vez, na livraria de Carrilho Videira, na rua do Arsenal, que constituia, por esse tempo, um pequeno centro intellectual, visitado quasi diariamente, por philosophos, sabios, poetas, artistas, entre os quaes me apraz citar Theophilo Braga, Teixeira Bastos, Reis Damaso, Augusto Faria, Constantino Villa Verde, Rosa Limpo, Sá Chaves, e tantos outros cujos nomes me não occorrem n'este momento. Veiu depois a *Republica*, um pequeno jornal diario de propaganda democratica, que se publicou em Lisboa, pelo anno de 1873 ou 1874, de que fui collaborador, e as nossas relações tornaram-se, desde então, mais estreitas.

Trinta e trez ou trinta e quatro annos volvidos sobre estes acontecimentos, não tenho senão a orgulharme d'essa boa amizade, e lealissima affeição, provada nas mais variadas circumstancias e nas situações mais difficeis da nossa camaradagem politica e litteraria.

E' muito complexa a individualidade de Consiglieri Pedroso. Orador, professor, publicista, a sua intellectualidade colloca-o a par das mais brilhantes do estrangeiro, nos diversos ramos da sciencia, da philosophia e da historia.

Não fallarei no homem politico. Todos sabem o que elle foi, como deputado. Entrando na discussão de todos os assumptos que se debatiam nas camaras, revelou uma illustração vastissima e altos dotes parlamentares que raros teem conseguido até hoje egualar.

Pena é que os seus discursos não tivessem sido reunidos em volume. Elles conteem largo e proveito ensinamento aos novos.

Não fallarei tambem no famoso polyglota. E' uma aptidão unica que o torna cidadão do mundo e que o tem immortalisado perante o extrangeiro. São-lhe familiares quasi todas as linguas da Europa que falla com inexcedivel correcção e extraordinaria facilidade. Dizia Henrique IV, que um homem que sabia quatro linguas valia quatro nações. Calcule-se o que vale o nosso Consiglieri.

Pelas mesmas razões, não discutirei o professor, nem o orador nem o publicista que todos respeitam e admiram.

O fim unico d'estas linhas é consagrar o presidente da commissão de protesto contra a lei de imprensa e agradecer-lhe, em nome dos meus collegas, a sua efficacisssima intervenção no assumpto. Tudo quanto se pode exigir em actividade, em dedicação, em lealdade, em iniciativa, a favor de uma causa, tudo isso elle deu, sem reservas e prodigamente, com todo o calôr da sua alma e com toda a vehemencia do seu coração apaixonado pela liberdade. Ninguem, mais do que elle, honrou a nossa classe e a nossa profissão, apezar de não militar no jornalismo activo. E, se todos tivessem correspondido aos seus desejos e aos seus esforços, com certeza não teriamos a registar hoje victimas d'essa lei oppressora e odiosa. E' este o seu maior elogio.

Não podia, por isso, ser mais opportuna nem mais bem cabida a homenagem do Occidente.

Magalhães Lima.

LITTERATURA ALLEMÃ

Por amavel deferencia do sr. Alexandre Fontes, distincto professor da lingua e litteratura allemã, encetamos hoje a publicação d'um feixe de maguificas poesias traduzidas por aquelle illustre professor, que, alem de profundo conhecedor da lingua de Schillr e de Göethe, é tambem apreciado poeta, familiarisado com a nossa metrica, conseguindo assim interpretar e traduzir classicos allemães em verso portuguès,

Ainda ha pouco publicou a traducção em verso no notavel poema de Schillr, o *Canto do sino*, que mereceu as mais lisongeiras referencias da critica litteraria.

Estamos certos de que os nossos leitores nos louvarão pelo ensejo de lhes proporcionarmos a leitura de alguns dos mais primorosos trechos da litteratura germanica, principalmente das poesias de Schille, de quem o sr. Alexandre Fontes é um amigo apaixonado.

M. O.

LAURELIA

(H. Heine)

Não sei o que será isto em mim, agora,
Assim tão triste, e em tal tormento:
Vaga legenda dos bons tempos d'outr'ora,
Sair me não quer do pensamento.

O ar está fresco, e escurece;
E o Rheno desliza ameno;
A montanha inteira esplandece,
Por um crepusculo sereno.

Deslumbrante virgem se ostenta,
Sobranceira á humida veia;
Aureo collar a opulenta,
E as aureas tranças penteia.

Co'um aureo pente as penteia,
Ao mesmo tempo cantando,
Meiga e forte, em melopeia,
Que a tudo vae captivando.

Ao barqueiro lá no barco,
Tristeza infinda o domina;
Os escólhos não vê, do charco,
Vê só, p'ra o alto, a collina.

E, por fim, julgo eu que as ondas,
Barqueiro e barco enguliram,
Da Laurelia pelo encanto
Dos cantos, que os seduziram.

Alexandre Fontes.

Exposição de Pintura da Sociedade Silva Porto

A Sociedade estabelecida sob a egide do nome do grande artista, do reformador da pintura de paisagem em Portugal, realisou agora, nas salas do *Seculo* a sua 7.ª exposição de trabalhos dos alumnos da escola de Bellas Artes, feitos na excursão artistica de 1906 por varios pontos do paìs.

Nos quadros expostos nota-se certo progresso, tão animador para os estudantes quanto honroso para o seu professor sr. Carlos Reis, que é hoje uma gloria da arte portuguêsa.

São quatro os expositores que apresentam uns 84 quadros de paisagens, em geral pequenas télas, contando-se apenas uns quatro ou cinco de maiores dimensões.

Os quadros do sr. Saude destacam-se pela exuberancia de luz e espatulado das tintas um tanto em demazia que nem á distancia deixam de avultar sobre a téla, com desvantagem para a magia da pintura. Isto notámos principalmente no quadro *Manhan*.

Mais sóbrio o sr. Trigoso em seus processos de pintura nem por isso é menos colorista, deixando-nos mais tranquillamente repousar a vista, na paisagem.

O mesmo notámos dos quadros do sr. Campas achando-lhe comtudo menos côr.

O sr. Cardoso, estudando em França, as suas pinturas não tem a mesma luz intensa deste nosso pais de sol. Os tons da sua palêta são mais frios, como a natureza que copia.

São quatro artistas e em cada um seu temperamento, revelando todos qualidades apreciaveis, dignas da critica se accupar o que já é uma conquista no mundo da arte.

O publico tem visitado com interesse esta exposição e muitos são já os quadros vendidos, além dos destinados a premio, aos socios, por meio de tombla.

E' esta uma das vantagens que a Sociedade Silva Porto óferece aos socios, como compensação da modesta cóta de 1$200 réis annuaes com que concorrem para as despezas das excursões de estudo dos noveis artistas, cujos trabalhos expostos mostram bem seu aproveitamento.

Uma excursão da Academia de Estudos Livres á Quinta das Areias

A Academia de Estudos Livres realisou no domingo 28 de abril passado, uma notavel excursão á importante propriedade do sr. Palha Blanco, em Villa Franca, denominada Quinta das Areias.

A viagem fez-se pela via fluvial no vapor *Atalaia*. A bordo o sabio professor sr. Carlos de Mello fez uma bella conferencia ácerca da evolução muphologica e geologica do Tejo inferior. Foi a primeira vez que em Portugal se tentou este original processo educativo, aproveitando o ensejo d'um passeio para proporcionar aos excursionistas uma primeira lição scientifica.

Em Villa Franca, nas propriedades do sr. Palha Blanco, os visitantes assistiram a uma curiosa revista de gado, examinaram de perto os trabalhos de campo, tão pittoresco no Ribatejo, e deleitaram-se n'esse verdadeiro paraiso que é a Quinta das Areias, onde o copado arvoredo, as plantas raras, os laranjaes e as rosas, que ali se cultivam intensivamente aos milhares de milhares, formam o conjunto mais encantador, que a imaginação d'um poeta poderia sonhar!

A formosissima vivenda do sr. Palha Blanco rivalisa com a decantada Cintra, que lord Byron celebrou no seu afamado poema. A Quinta das Areias é uma verdadeira maravilha, que merece ser conhecida de quantos exaltam apenas o que ha de celebre no estrangeiro, esquecendo por ignorancia as bellezas naturaes do nosso paiz.

Os excursionistas da Academia de Estudos Livres retiraram verdadeiramente encantados pelo que viram e pela soberba e principesca recepção que lhes preparou o sr. Palha Blanco.

* * *

É já gloriosa a historia da Academia de Estudos Livres, que entre tantas sociedades de instrucção do paiz se distingue pela perseverança da sua originalissima propaganda, que abrange quatro importantes artigos: as aulas, onde ministra o ensino primario, medio e technico; as conferencias, que teem sido realisadas pelos escriptores e publicistas mais notaveis, sobre todos os ramos do saber e todas as questões sociaes de importancia; a publicação dos seus annaes, que abrange já 14 numeros, inserindo primorosos trabalhos de Theophilo Braga, Lopes de Mendonça, Vicente d'Almeida d'Eça, Pedro d'Azevedo e Antonio Baião; finalmente as excursões sempre realisadas com um fim educativo e dirigidas por artistas e profissionaes.

A Academia de Estudos Livres foi fundada em fins de 1889 por dois alumnos do Instituto Industrial srs. Bartholomeu Rodrigues e Miguel Seixas. O sr. dr. Bernardino Machado, convidado pelos dois estudantes, foi o seu primeiro presidente, tendo dado á nova e sympathica sociedade toda a dedicação de que é capaz a sua grande alma. Logo de principio a Academia tomou parte preponderante nos conflictos patrioticos contra a Inglaterra, provocados pelo celebre ultimatum de 11 de janeiro de 1890. Serenados os animos desenvolveu uma extraordinaria actividade em prol da instrucção popular e iniciou em Portugal as excursões educativas. N'este capitulo ficaram celebres os passeios geologicos feitos sob a direcção de Paulo Chofat, as explorações zoologicas de Alberto Girard e archeologicas de Leite de Vasconcellos e as excursões aos monumentos de Belem, Batalha e Thomar dirigidas por Adães Bermudes.

Ao mesmo tempo um grupo de medicos realisava cursos notaveis sobre biologia, anthropologia, sociologia, historia natural e psycologia. Os nomes laureados de Camara Pestana, o fallecido e grande bactereologista, de Silva Telles, de Reis Santos, de Henrique Schindler e de José de Magalhães, vincularam-se a estes generosos trabalhos de propaganda scientifica. Conferentes como Theophilo Braga, Visconde de Ouguella, Adolpho Coelho, Lopes de Mendonça, Vicente d'Almeida d'Eça, Ladislau Batalha, Manuel d'Arriaga, Cunha e Costa, Zeferino Candido, Miguel Bombarda, Cincinato da Costa e muitos outros, teem trazido á Academia de Estudos Livres o seu brilhante concurso, contribuindo poderosamente para radicar a fama e prestigio d'esta nobre sociedade a que prognosticamos o mais brilhante futuro.

Pelas nossas provincias e ilhas

(Recordações)

II

Algumas reflexões a proposito da Cava de Viriato

1.º Qual é o verdadeiro significado do termo Cava?
2.º O Problema historico.

Da designação locativa *Cava de Viriato* (o campo historico que se alonga ao sopé do monte de Viseu), conhecemos trez versões, ou antes trez variantes da sua interpretação onomastica:

Cava: nome technico da *Arte de fortificação*, significando neste caso a obra de mão do homem (trincheiras, etc.), erguida n'aquella chã;

Cava: nome locativo proprio e particular d'aquella, dita de Viriato;

Cava: (ou Cova) nome topografico, generico dos terrenos d'aquella configuração e aspecto.

*

A primeira interpretação encontra-se na technologia da Fortificação antiga, com o significado de *fôsso*, obra cavada. «Tem a fortaleza de Molão as cavas muito largas e altas, cheias d'agua até á face da terra». Gaspar Barreiros.

E sem deixar de ser termo de castrametação, tambem o temos no sentido de *trincheira* (construida com a terra cavada, que abre o fôsso).

Braz Garcia de Mascarenhas, o valente beirão natural de Avô, governador militar da Praça de Alfaiates e fronteiro de Hespanha durante a Guerra da Restauração, refere-se do seguinte modo á Cava, no seu poema heroico, em 20 cantos, *Viriato Tragico*, edição posthuma de 1684:

«Fez o Pretor, de cava e terrapleno,
«Hum Real, que os fortes de hoje avantavaja
. . . .

(Real ou o Arraial em que estava o imperante, o general, o estandarte do chefe)

«Tão alta a Cava fez, grossa a Trincheira
. . . .
Parece que o temor dos Lusitanos
«A fez lavrar alta e mais fossada,
Que inda a Cava se vê...—»
. . . .

Temos assim que, para Braz G. de Mascarenhas o nome de *Cava*, significa alli *a obra d'arte*.

Fr. Bernardo de Brito, na sua *Monarchia Lusitana*, relata que «se começou de fortificar... com grandes vallos de terra, que ynda ôje durão, mostrão nos vestigios a fortalleza que terião e o terror de quem os fez cavar.»

Tambem este escriptor toma o sentido da palavra *Cava* por Construcção, visto que *cavar* significa aqui *construir*.

E o dr. Manuel Botelho Ribeiro, auctor de «Dialogos moraes, historicos,» etc. diz assim referindo se á cava:

«Este edificio... Mostra mais ser esta cava n'aquelle tempo inexpugnavel, pois neste, depois de tantos centenares d'annos, está ainda tão forte...»

Para este dr. a Cava é egualmente a parte edificada no solo.

*

A segunda interpretação é a que, já de ha annos, entrou no dizer corrente quer da gente culta quer do povo. E' o nome exclusivo d'aquelle terreno assim entrincheirado como se vê.

Quando a acção continua das intemperies, secundada pelo sacho agricola dos senhorios das glebas contiguas, viesse a completar a dispersão d'aquelles circumvallos pelos terrenos em volta, o beirão continuaria a denominar orgulhosamente aquelle sitio historico dos seus antepassados milenarios, por *Cava de Viriato*, associando na memoria, ao terreno, os muros defensivos d'aquelle monumento unico em Portugal.

*

Vejamos agora a terceira.

Cava, do latim Cavus, no sentido etymologico cremos ser a expressão topografica dos terrenos de fundão, em relação com os terrenos circumjacentes: chão cavo, chão concavo.

«A Cova de Viriato» assim se lê na «Chorografia portugueza», de 1708; e «Cova da Beira» é ainda a expressão usada n'esta provincia para designar o vasto trato de terreno que vae de Belmonte ao Fundão, entre as Serras da Estrella, da Gardunha, e os montes que se levantam a leste, cujo relevo tambem se avista d'Hespanha: ao fundo corre-lhe o Zezere.

A expressão muito usada de antigos e modernos — «dentro da Cava», — não obriga a entender-se como recinto fechado; usamo-la tambem aplicada a campos abertos: — dentro do Campo Grande, dentro do campo d'Ourique, etc.

«O rousso da Cava, imprio de tal senha
«A Julião e Opas......»

A Cava mencionada no Poema da Cava do tempo da dominação arabe, que ficou registando a traição d'aquelles hispano-godos não será a Cava-llana, Cova-llana, Covalhana, Covilhã, d'hoje?: Cova ou Cova, isto é, a Cova da Beira, d'hoje, que comprehende a Covilhão, na vertente oriental da Estrella, a um kilometro do Zezere.

Esta interpretação (3.ª) do significado do termo Cava, é a que melhor nos satisfaz para a sua determinação definitiva; e a este apelativo topografico foi naturalmente associado, para o distinguir d'outros, o nome do heroe lusitano que por alli batalhou com melhor ou peor fortuna contra os legionarios romanos.

*

O fallecido archeologo Martins Sarmento, em uma carta com que quiz honrar-nos sobremaneira ácerca do problema historico da Cava de Viriato (que parece insoluvel), tambem o examina pelo seu aspecto onomastico:

«O nome mesmo de «Cava» é um enigma (diz) Que significa elle?...»

Reservemos, porém, para o artigo subsequente, a interessante carta do Mestre, visto que a onomastica entra n'ella designadamente para a apreciação da antiguidade e autenticidade d'aquelles singelos muros de terra calcada, mas seculares sem duvida. E' o problema historico.

Henrique das Neves.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO VI

(Continuado do n.º 1019)

Foi lançada a primeira pedra em 26 de abril de 1603.

A esta ceremonia, que se revestiu da maior solenidade, assistiram, alem dos fundadores, o provincial, o reitor e muitos jesuitas dos diferentes colegios da provincia que o acaso de uma congregação realisada em S. Roque reunira em Lisboa.

A pedra fundamental, toda ornada de ramos de folhagem e flores silvestres, colhidas quiçá na quinta, continha as seguintes inscripções:

Na 1.ª face:

DEO TRINO, UNI, ET, B. VIRG. JACTUS 23 APRILIS ANNO D. 1603, HORA NONA.

Na 2.ª:

FERDINANDO TELLES DE MENEZES ET D MARIA DE NORONHA EJUS.

Na 3.ª:

UXORE FUNDATORIBUS

Na 4.ª:

PAPA CLEMENTE VIII. REGE PHILIPO III

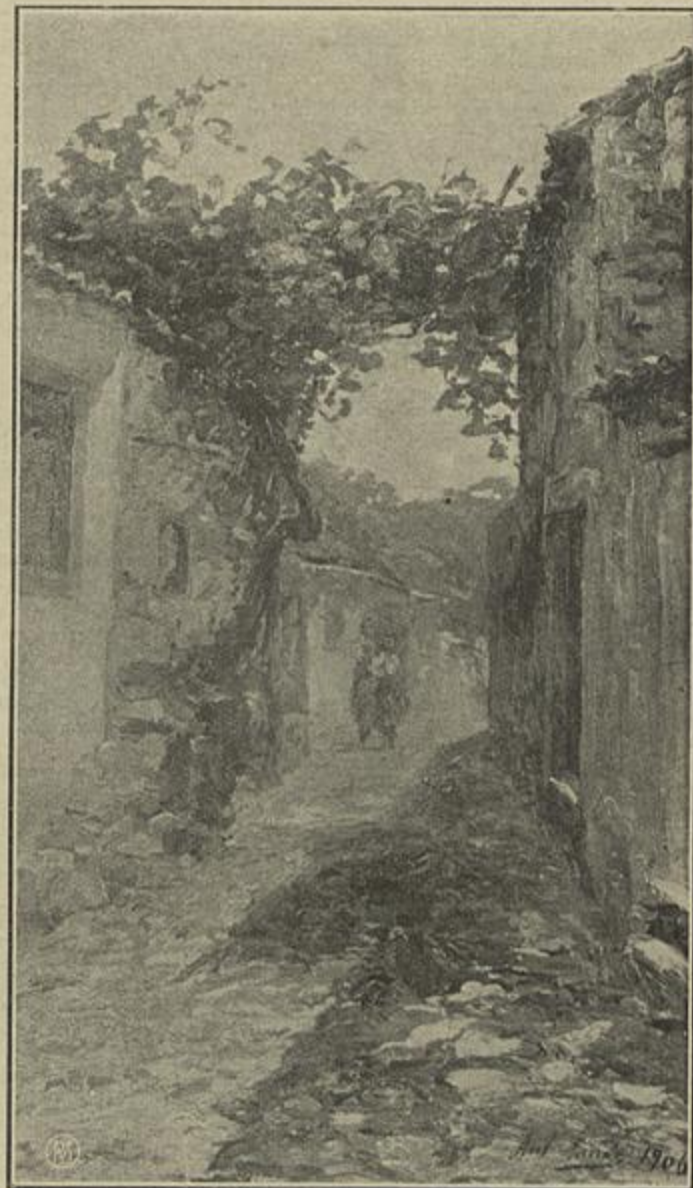
Na 5.ª:

PRAEPOSITO GENERALI SOCIETATIS CLAUDIO AQUAVIVA, PROVINCIALE JOANNE CORREIA

Na 6.ª face não tinha inscripção. Apenas se via uma concavidade feita no marmore, destinada a conter medalhas devotas e moedas do tempo, como é de uso nas pedras fundamentaes.

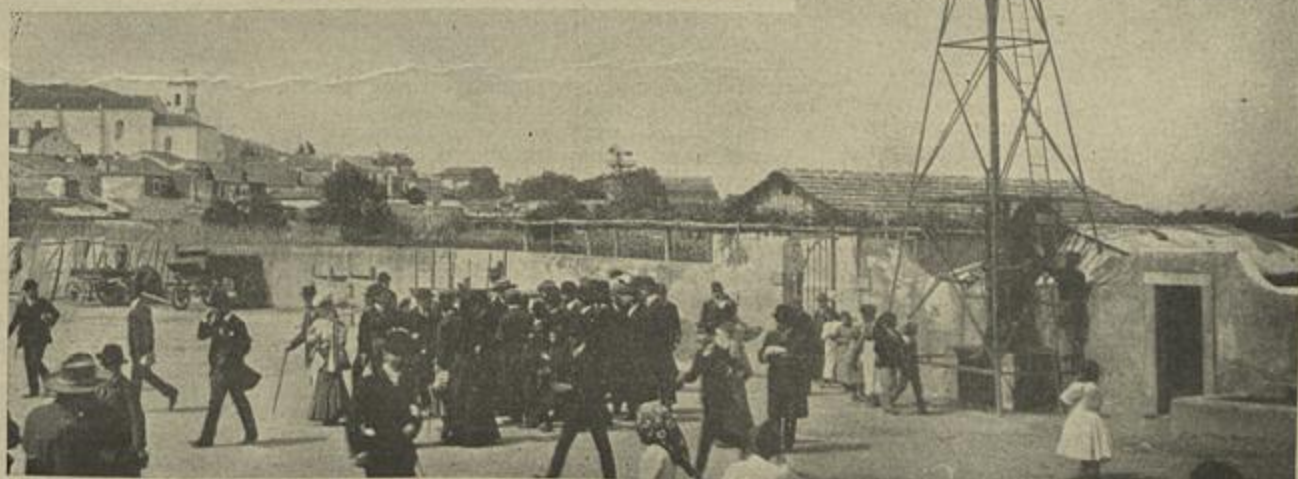
Realisou-se então a breve e imponentissima ceremonia. Fernão Telles de Menêses, depois de ter deitado um *português* de oiro na concavidade e que, em seguida foi tapada, tomou nas mãos um dos cordões de seda que aparentemente suspendiam o cubo de marmore. O provincial segurava em um outro. E, emquanto este murmurava uma oração, principiou lentamente a descida da pedra que, a

Exposição de Pintura da Sociedade Silva Porto

Romper do dia (Paio Mendes)
Quadro de Campas

Rua José Maria (Chão da Serra)
Quadro de Saude

Margens do Villaine
Quadro de Arthur Cardoso

Barcos na maré baixa (bahia de Lagos)
Quadro de Trigoso
(Clichés Benoliel)

Uma Excursão da Academia de Estudos Livres á Quinta das Areias

Recepção dos excursionistas pelo sr. Palha Blanco — Grupos de excursionistas — Os excursionistas conduzidos em carros de bois — Chegada dos excursionistas á propriedade de Santo Antonio da Castanheira, do sr. Palha Blanco

(Fotografias dos srs. Novaes e Paulo Guedes)

breve trecho, assentou no fundo do alicerce, ao estridente clangor das charamelas de prata (1).

Tinha terminado a solenidade da fundação.

O resto do dia foram-no passar todos a Campolide na companhia dos noviços. Ahi, nas deleitosas sombras da quinta, decorreram as horas de calma em exercicios devotos até que o sol mergulhando no horisonte deu por acabado esse dia, inscrito como um dos mais gloriosos nas chronicas da Companhia de Jesus.

Fernão Telles de Menesês, devia sentir-se jubiloso. Estava realisado o seu maior desejo e cumprida a primeira parte da escritura, e d'ahi por diante, o seu escudo de armas, podia ostentar, junto do leão rompente dos Silvas e do anel encoberto dos Menesês, um novo quartel, — simbolo da fidalga generosidade portuguêsa, imagem daquelle dia de primavera: — em campo azul um coração de oiro.

*

Pouco depois começaram as obras.

Uma pedreira achada, depois dos primeiros desaterros, no alto da quinta e de que atraz se falou, forneceu pedra para os primeiros trabalhos.

Foi encarregue delles o padre João Salgado, tomando rapido incremento e permittindo que logo dois annos depois, em 1605, o bispo de Malaca lançasse a primeira pedra na igreja que, conforme o plano, devia ficar ao centro do edificio.

A esta ceremonia não assistio o fundador, atacado já daquelle mal que, poucos mesês depois, o havia de matar. Deus não permitiu que elle visse concluido o edificio, que fôra obra sua, nem sequer a fundação da capella onde havia de ir dormir o derradeiro somno. Mais feliz D. Maria de Noronha viu o seu sonho realisado e ainda pôde gosa-lo alguns annos (2).

Em 1607, não sei por que circunstancia, a obra passou a ser dirigida pelo arquiteto Baltazar Alvares, famoso artista — na opinião do autor da *Benedictina Lusitana* (3).

Seria por falta de competencia do jesuita? E' de presumir que sim; mas o certo é que as obras perderam com a troca. O arquiteto mais cheio de conhecimentos technicos de que o seu antecessor, não tinha entretanto a boa vontade e o interesse proprio de ver concluida a obra.

Pausada e morosamente foram dirigidos os trabalhos e a tanto chegou a preguiça que o vice-provincial Martim de Mello viu-se obrigado a ordenar que assistissem no colegio quatro religiosos para trazerem de olho o pachorento Alvares.

Aquelle arquiteto das obras de el rei, trazia em si o germen das modernas obras publicas!

*

Desde que os da companhia começaram a vigia-lo, as obras iam luzindo a olhos vistos, embora ainda compassadas para a impaciencia com que D. Maria de Noronha esperava o seu termo ou pelo menos o acabamento das obras da capella onde desejava mandar colocar o mausoleo que a sua piedáde mandára construir para os restos mortaes do finado marido.

O sumptuoso tumulo era de marmore liso assente sobre dois elefantes, tendo na face do caixão um extensissimo epitafio que, só de per si, á falta de maior noticia, seria suficiente para por elle se avaliar quem fosse Fernão Telles de Menesês (4).

Era obra perfeitissima e importára em cerca de 3:000 cruzados á saudosa viuva, dizem os chronistas. Quanto a mim o monumento tumular não prima nem pelo bom gosto nem pelas porporções. — E' uma imensa mole de pedra sobre o dorso de dois elefantes liliputianos, apesar dos padres Carvalho da Costa e Jorge Cardoso, dizerem delle maravilhas de pasmar (5).

Logo veremos o destino do mausoleo.

*

A vigilancia dos jesuitas, que tão bons frutos dera, principiou a não beneficiar o andamento dos trabalhos, por que um empecilho poderoso se atravessou de repente no caminho tão bem encetado. O dinheiro começar a faltar.

Debalde foi que os padres suspenderam o noviciado em Campolide, para que o dinheiro despendido no sustento dos noviços revertesse a favor da nova casa, e debalde seriam todos os esforços empregados nesse sentido, se não fôra um inesperado auxilio que a Companhia teve.

O capitulo subsequente ocupar-se-ha dessa nova e prospera phase da casa do noviciado.

G. de Matos Sequeira

(1) Imagem da Virtude, pelo padre Antonio Franco.

(2) Morreu em 7 de março de 1623.

(3) Frei Leão de Thomás.

(4) O epitafio é o seguinte: «Aqui jaz Fernão Telles de Menezes; filho de Brás Telles de Menezes, camareiro-mór, guarda-mór e capitão dos ginetes do infante D. Luiz, e de Catharina de Brito sua mulher — o qual foi do Conselho de Estado de El Rei Nosso Senhor e governou os Estados da India e o reino do Algarve e foi regedor das justiças da Casa da Supplicação e presidente do conselho da India e partes ultramarinas — E sua mulher D. Maria de Noronha, filha de D. Francisco de Faro, vedôr da fazenda dos reis D. Sebastião e D. Henrique e de D. Maria de Albuquerque, sua primeira mulher: os quaes fundaram e dotaram esta casa de provação da Companhia de Jesus e tomaram esta capella-mór para sua sepultura — Faleceu Fernão Telles de Menezes a XXVI de novembro de MDCV e D. Maria de Noronha a VII de março de MDCXXIII.»

(5) Respectivamente nas suas obras, *Corografia Portuguêsa Agiologio e Lusitano*.

A GRÉVE

II

Depois de me referir á celebre instituição preconisada por Savigné, nas palavras transcritas, estabelecia interrogação a proposito dos famosos tribunaes, mas como a vida tem de ser regulada conforme realidades e o positivo dos factos impõe-se a toda a gente com força irresistivel temos, em ultima analise, de aceitar o que é, sem todavia desesperar do que está para vir.

A *gréve* é um recurso e um meio que atenuará por largo periodo de tempo a situação angustiosa das classes trabalhadoras, quando para ahi apélem em termos legitimos e em condições economicas suficientes para impedir o assalto da fome.

O equilibrio é indispensavel em tudo, e desabrigado fica na cêna ingrata da existencia todo aquêle que o não respeita.

Na admiravel conferencia que no Centro Regenerador Liberal, realisou em 22 de junho de 1904, o venerando Costa Goodolphim, soltou estas expressões tão significativas quanto profundas:

«A falta de harmonia entre todas as classes sociaes, a vida desafogada de uns com a miseria de outros, levantou naturalmente uma luta entre o capital e o trabalho.

Vem de seculos esta batalha enorme, conquistando-se palmo a palmo direitos anegados.»

Duas coisas estorvam grandemente a marcha progressiva no seio das multidões productoras, — a ignorancia e a má orientação.

A estas duas coisas cumpre imputar e deve atribuir-se o atrazo relativo dos que trabalham estipendiados e os abusos do capital, sordido e deshumano.

Faço restrição neste ponto, porque se registam casos de exceção edificante, honrando o dinheiro e não desvirtuando o operario.

Corre com fóros de maxima que o patrão faz os operarios e que estes fazem o patrão; e, em boa verdade, quem quer que afirmou isto pela vez primeira esteve muito longe de errar.

E', porém, certo que carece de uma palavra a proposição enunciada para ser completa e perfeita: o bom patrão, visto não se contêr a bondade adquirida em maldade originaria e não ser facil inverter o que a propria naturesa revela com exuberancia nos seus quadros, além de que o exemplo não deve partir de baixo mas promanar de cima.

Em todo o tempo a ambição e o egoismo fizeram obliterar da memoria dos homens algumas verdades incontestaveis que, conservando-se presentes, desenvolveriam e fortificariam o espirito de solidariedade e a mutua coadjuvação.

O rapido ascender de uns, a fina sagacidade de outros, o musculo potente de muitos, fôram parte para precipitar a embriaguez e perturbação consequente de cerebros, depressa incompativeis com o caminho de pacifica união e de amplexo fraternal, apontado claramente a todo o sêr na absoluta egualdade de entrada e de saida no mundo.

Chegou nos seculos o momento dos patrões e dos operarios, a hora das fabricas e das fortunas colossaes.

Pagou-se com oiro o titulo de cavalheiro e apagou-se com a poeira do rodado da carruajem a figura anonima que dentro da oficina fôra o instrumento brutal e cruelmente explorado para a aquisição da riqueza.

O trabalhador um dia foi acordado para a dignidade humana que lhe competia reivindicar, e, com efeito, descerrou as palpebras, pretendeu encarar a luz, mas não logrou o triunfo no verdadeiro campo das suas justas aspirações.

Serviu de instrumento a outros, que souberam conquistar a sua adhesão, mediante o auxilio de aparencias enganosas.

Logo que a instrucção e a educação se tornam realidade, subtraem-se os operarios á ação deletéria e demolidora da má orientação e pódem congregar o esforço de suas vontades e desejos no sentido de modificar para melhor sua situação presente e futura.

O ignorante, falho de educação, é um terreno azado para a incidencia das mais pasmosas confusões e para o germinar da semente do crime. Converte-se no seguro ajente de ruins intentos, e ainda depois de desiludido e desapontado se insurje contra quem o não procurou nem tentou seduzi-lo.

Os operarios têm facilidade de disposição em aderir a determinadas idéas mais ou menos incendiarias e precipitam se muitas vezes em emprêsas perigosas e até contraproducentes, por carecerem da rudimentar cultura educativa necessaria para habilitar qualquer pessoa a esclarecer o proprio juizo pela intima reflexão mental.

Não basta haver um motivo apenas de agravo para se largar o trabalho, declarando a *gréve*. Um movimento desta especie e ordem arrasta e envolve multiplos elementos de atividade economica e de apoio imprescindivel domesticamente falando.

Causas proximas e pretextos imediatos lançam as sociedades em abismos insondaveis de que se levantam com frequencia para o pêso de males muito maiores do que os invocados na conjuntura de explosivas violencias.

E' lejitimo o dizer que para grandes males grandes remedios, mas tambem é de conselho prudente e de alta conveniencia social um previo exame do remedio, que obste a que se morra da cura.

Escreveu um medico francez, o dr. Bourdin, num estudo que anda impresso em folheto sob o titulo *Horror do Vacuo*:

«Os homens não são egualmente enerjicos.»

E, porque isto é palpavel e axiomatico, antes de todas as manifestações colétivas, importa muito estar seguro dos caratéres individuaes.

Uma *gréve* provocada por causa indubitavelmente justa e sustentada por homens de caráter firme, vinga e vingará sempre.

Se não vingar no elemento que lhe foi origem diréta, haverá a sua ruidosa vitória no consenso da opinião publica imparcial.

Não terão os *grévistas* que temer então as arremetidas da fome, que a opinião sensata não consentirá que lhes bata á porta.

Pelo contrario, quando meras futilidades, viciosas paixões, preguiça injenita, invejosos sentimentos, determinaram o assôpro duma *gréve*, esta, quando declarada, não desperta o interesse que reclama, encontra uma atmosféra, ou quasi fria por toda a parte e cessa por si mesma, ridicula e ingloria, implorando clemencia e estendendo a mão á caridade os pobres trabalhadores, vitimas e empolgados!

Para que uma *gréve* consiga resultados praticos urje, não só satisfazer á condição primacial, isto é, impôr-se por motivos poderosos e evidentes, mas tambem haver no grupo *grévista* o preciso combustivel para aguentar-lhe o prolongamento.

Não possuem os operarios, em geral, cofres de resistencia, e deixam na taberna, infame e ixecravel, muito do que deveria acudir á voz dos estomagos em casa e valer nas estrêmas oportunidades, quando os braços pendem, quer por doença, quer por escassez de labutar, quer, finalmente, em razão duma *gréve*.

Percorrer as ruas e as praças das povoações, em bando, esmolando de casa em casa e de transeunte em transeunte, é exibir um documento repugnante de baixo nivel moral e de ausencia total de brios civicos.

O edificio do trabalho só pelo trabalho se recomenda e faz venerado; nunca ostentando-se com alguma coisa espetaculosa, suscetivel de fazer alguem côrar de vergonha.

Ora, um bando precatório, formado por individuos aptos para o trabalho e em idade que obriga a prevenir com previdencia o dia de amanhan, acha-se deslocado á luz da civilisação e condena o a dignidade bem entendida.

III

Reconheço na *gréve* uma prova natural em desforço de mal-estar, e nunca dissuadiria de levá-la a efeito, a operarios que permaneçam ofendidos e lesados.

Observei de perto mais de uma *gréve*, e notei que a má fé nem sempre é estranha a um tal movimento.

Ha quem exerça no trabalho certa pressão sobre os companheiros, conseguindo desviá-los duma linha de condúta regular e plausivel, e lançando-os na vereda sinuosa de ajitações e reclamações não oportunas.

O facto de um proprietario despedir um, dois ou mais operarios dos seus estabelecimentos e ofi-

cinas, com fundado motivo, não explica nem desculpa a *gréve* dos restantes operarios.

E' imperioso que se atenda a este principio admitido pelo bom senso e acatado por todos os codigos: Ninguem póde ser obrigado a conservar no seu serviço alguem contra a vontade.

O dono duma fabrica está no pleno direito até de fechar o estabelecimento de vez se assim lhe aprouvér; do mesmo modo que qualquer operario pode retirar-se do trabalho não voltando á oficina.

Os direitos são eguaes, e os deveres reciprocos. Distinguindo com cautéla o que aféta a classe do que é individual e particular, poderá lamentar-se um destino infeliz, classificar se de aspero e desabrido um procedimento definitivo por parte dum patrão, capitular se de loucura ou de capricho alguma resolução inexplicavel, mas, seguramente, não correrão o risco de expôr-se a sacrificio gratuito aquêles que, na realidade, não vivem descontentes com a respétiva diária.

Tal qual o trabalho está organisado, a primeira obrigação do operario é cuidar de poupar alguma coisa para os momentos criticos, os quaes, tantas vezes nos surpreendem abrutamente.

No seu *Tratado de Economia Politiva* disse o ilustre João Batista Say:

«Os vãos e caros divertimentos dos ricos não se justificam sempre aos olhos da razão: mas quanto mais calamitosas não são as loucas despesas do pobre?»

No ideal associativo, na quota mensal integralmente paga, no aprumo de convicção relativa ao valor da economia e da instrução educativa, no querer de tenacidade coerente e assimilativa, estão as raizes que podem fixar solidissimamente o operariado perante o conceito publico e impô-lo á admiração respeitosa do capital.

Emquanto a taverna fôr ponto de reunião e de doutrinamento de massas ignorantes e rudes namorando o vinho, as *gréves* perderão completamente o seu significado moral e deixarão indiferentes as consciencias dos potentados do oiro, exploradores infrénes e insaciavelmente cobiçosos.

Os d'esta categoria, quero dizer, os negociantes de escravatura branca, desejam por ventura, na gerencia *grévista* acirrada por vapores alcoolicos, mais amiudada frequencia de taes movimentos, porque demonstra-lhes a experiencia que o que vinho começa, acaba-o a fome, e esta constrange o corpo a submeter-se por fim ao jugo seja qual fôr o seu pêso!

Desgraçadamente, na maioria dos casos declaram-se as *gréves* com patrões de similhante jaez, que solicitam logo intervenção da força armada para embargo aos possiveis danos, resultantes das furias de ébrios.

Com fabricantes, humanos e bem orientados, não é facil a occorrencia de *gréves*, que só podem manifestar-se em consequencia de equivocos, ou em virtude da áção funesta de intermediarios oficiosos e perversos.

Resumindo: na eventualidade de todas as hipoteses, é da maxima conveniencia para os operarios estar apercebido com fundos de reserva para acudir á instancia das necessidades, na presença d'uma *gréve*.

Sem isto, é preferivel o sofrimento menor, mas suportavel, á miseria probabilissima com a certeza antecipada de se ser vencido.

Não é cobarde o individuo que recúa diante da logica dos factos, mas aquêle que se quer cegar e se fascina sem meios de defêsa adequados.

As coisas são o que são, e incumbe-nos aceitá-las e modificalas, quando viavel, dentro dos limites e com os recursos de nossas faculdades.

A consideração do que se acha ao nosso dispôr e o ponderado das responsabilidades, exercem e devem exercer perduravelmente em nosso animo áção estimulante e norma reguladora.

Posto isto, de desejar é que os operarios, instruindo-se e educando-se cada vez mais, fortaleçam as associações pelo escrupuloso rigor de previdencia economica e preparem assim uma emancipação de classe que insinue os maus patrões, voluntariamente, a afastar de si todas as causas suscitadoras de *gréve*.

A atitude energica na esféra do licito, ha de sopear e dominar o metal sonante e a opulencia soberba.

D. Francisco de Noronha.

NECROLOGIA

Beatriz Rente

Dos artistas societarios do theatro de D. Maria II, não era por certo Beatriz Rente, agora fallecida a 17 do mez findo, quem occupava com menos direito o seu logar na primeira classe.

A sua nomeação, que datava de 29 de maio de 1902, foi sobejamente fundamentada no brilhante tirocinio de muitos annos no theatro do Gymnasio, onde Beatriz Rente era a figura feminina primordial da companhia, cujo elenco então apresentava um magnifico conjuncto.

Ali a vimos notabilisar-se no *Divorciemo nos*, em que ninguem a excedeu, *Saltimbanco, Lazaristas. Fidalgos da Casa Mourisca, Assassino do Macario, O Cunhado, A Linha, Quem muito falla, Prestigitador, Verdadeira nobreza, Medicas, Serpente, Contos da rainha de Navarra, Cerco ao tio, Toupinel que Deus haja, Casados solteiros, Os namorados, Emancipação da mulher, Francillon, Papá Lebonnard,*

BEATRIZ RENTE

Alleluia, etc., etc., e na *Educação Moderna*, de Guiomar Torrezão; na *Lição Cruel*, de Pinheiro Chagas; no *Feixe de Nervos*, de Rangel de Lima Junior; na *Jucunda*, de Abel Botelho; e na *Senhora Ministra* e *Bisbilhoteira*, de Eduardo Schwalbach, peças escriptas expressamente para a fallecida actriz.

Este facto prova bem a pujança do talento de Beatriz, porque, com certeza, escriptores da envergadura dos que acabamos de citar, não produziriam trabalho com destino especial para quem não soubesse dar o necessario colorido ás personagens que idealisavam.

Os primeiros passos na scena da pranteada artista foram dados sob a direcção de sua prima a actriz Emilia Adelaide, que estava no apogeu da sua gloriosa carreira, representando no theatro Normal, em cujo palco fez estreiar a sua protegida.

Beatriz Emilia Rente, nascera em Portalegre a 22 de janeiro de 1859, e contava então, apenas 15 annos, tendo ficado orphã de pae muito cedo e em precarias circumstancias.

A peça escolhida para o exame da nova comediante foi o *lever du rideau, Quem empresta não melhora*, e o desempenho que deu ao papel de que a incumbiram satisfez por completo o publico e o ensaiador.

A seguir entrou no *Demi Monde, Sabichonas*, e n'outras, sempre distinguindo-se, demonstrando bastante estudo e intelligencia.

Passou depois com Santos Pitorra para o Gymnasio, e ahi esteve até 1900, conseguindo sem difficuldade, mercê dos seus recursos physicos e artisticos, guindar se, como acima dissémos, ás culminancias de estrella, de artista querida do publico.

De 1900 a 1902 esteve Beatriz no theatro da Rua dos Condes, e, apesar de representar alternadamente o drama, a opereta, a comedia e a peça phantastica, não só não perdeu os creditos adquiridos, como se lhe offereceu occasião de mostrar o seu merecimento na revista *Na ponta da unha!* a que deu grande realce desempenhando a *Gualdina*, o principal papel da peça.

Tambem, por occasião do centenario do thaumaturgo luzitano, fez no theatro D. Amelia o protagonista da celebre oratoria de Braz Martins, *Santo Antonio*, que não é de molde a ser apresentado em *travesti*, mas em que a nossa biographada alcançou geraes applausos pela correcção que lhe imprimiu.

Depois da sua segunda entrada em D. Maria, pouco ensejo teve de se salientar, em virtude da enfermidade de figado, que a prostou no leito da morte, ter começado a manifestar se com todos os seus dolorosos symptomas.

Ainda assim são dignos de registo os seus trabalhos na *Diana de Lys, Escola Antiga, Caminheiro*, substituindo Virginia, *Filhas do sr. Dupont, Intimo, Morgado de Fafe, Ciume* e *Pae Prodigo*, substituindo Emilia Lopes.

Beatriz Rente pertencia a essa bella pleiade de artistas que receberam lições do grande mestre que se chamou José Carlos dos Santos, e que conheciam a arte de saber dizer.

Pedro Pinto.

Major Eduardo Augusto Ferreira da Costa

Vae a completar um anno, no fim deste mez, que o Occidente colocou na sua vasta galeria de homens ilustres o retrato do major Eduardo da Costa, nomeado então governador geral da provincia de Angola.

Foi recebida com unanime aplauso a nomeação do valioso e valoroso oficial, porque nelle concorriam circumstancias de primeira ordem para o bom desempenho do dificil cargo.

Eduardo da Costa conhecia de viso proprio a Africa portuguêsa, onde fez toda a campanha de 1894 a 1895, campanha que encheu de gloria o nosso exercito e de admiração a Europa, e em que o valoroso oficial do Estado Maior, foi um dos heroes. Governara o districto de Moçambique e interinamente a provincia de Angola, e em qualquer destas commissões revelara os seus dotes administrativos, como espirito ilustrado, ponderado e sensato, cheio de zelo e de amor patrio, como esses portuguêses gloriosos de que nos fala a historia e que tanto engrandeceram Portugal com seu valor, intelligencia e civismo.

Por tudo isto, repetimos, foi sua nomeação recebida com geral aplauso, como por tudo isto, tambem, com geral sentimento foi recebida a noticia da sua morte, no desempenho daquella commissão.

Nestes tempos que vão correndo a vida de Eduardo da Costa aponta-se como um exemplo de honradês, de patriotismo, de valor e dedicação pela causa publica, servida por uma inteligencia clara e estudo consciencioso e profundo dos assuntos que mais interessavam ás commissões que lhe eram confiadas.

Basta ler as simples notas biograficas que abaixo inserimos, para se avaliar de toda uma vida de trabalho passada grande parte em Africa, ora como militar no serviço das campanhas mais valorosamente sustentadas contra o potentado Gungunhana e namarraes, ora na administração colonial.

Eduardo Augusto Ferreira da Costa nasceu em Lisboa a 14 de outubro de 1865, filho do coronel de engenheiros, conselheiro Firmino José da Costa, que deixou boa memoria de seus serviços e foi governador de Macau e de S. Thomé e Principe.

Alumno do Collegio Militar, onde concluiu sua primeira educação, sentou praça em 29 de julho de 1879. Proseguindo nos estudos superiores, fez o curso do Estado Maior, seguindo os postos até o de major, a que foi promovido em 31 de agosto de 1899, sendo agora um dos primeiros na escala para o posto de tenente coronel.

Em 1894 passou ao serviço do ministerio da marinha, nomeado chefe do Estado Maior da columna de operações que partiu para Moçambique a fazer a celebre campanha contra o Gungunhana.

Foi nomeado, em 24 de dezembro de 1896, governador do districto de Moçambique.

Nos fins daquelle anno commandou uma columna de operações contra os namarraes, vendo se perdido na acção de Munapo, onde foi ferido, valendo-lhe a sua coragem e presença de espirito para salvar a situação.

Em 1899 passou ao serviço da Companhia de Moçambique. No anno seguinte desempenha as funcções de secretario geral da provincia de Mo-

çambique e substitue o governador na ausencia deste.

Naquelle anno foi ainda nomeado inspétor geral da fazenda de Moçambique.

No serviço da companhia de Moçambique elaborou um relatorio sobre a gerencia da companhia pelo qual é louvado.

Em 11 de dezembro de 1902, é nomeado governador de Benguella, em seguida á revolta do Bailundo e faz o projéto para uma expedição contra os cuamatas.

Em maio do anno seguinte é nomeado governador interino da provincia de Angola, em consequencia do regresso ao reino do governador sr. conselheiro Cabral Moncada.

Decorridos quasi tres annos, quando aquella provincia se encontra a braços com uma das maiores crises por que tem passado, é o major Eduardo da Costa escolhido para seu governador geral, como aquelle em que o governo mais confia para o desempenho da dificil commissão.

Na sua folha de serviços militares encontram se as seguintes notas:

Assistiu ao celebre combate de Marracuene de fevereiro de 1895.

Fez parte da columna de operações em Gaza como chefe do Estado Maior assistindo ao combate de Çoellela, onde foi ferido na perna direita, em 7 de novembro de 1895.

Assistiu ao bombardaemento e destruição do *Kraal* do Gungunhana, em 11 de novembro de 1895.

Entrou em fogo na escaramuça de Munapo, acção de Calapute em 9 de maio de 1896.

Recommendado pelo commandante da columna de operações em Lourenço Marques, por serviços relevantes prestados em campanha, foi agraciado com a commenda da Torre e Espada, sendo-lhe concedida a pensão de 500$000 réis annuaes, pelos ditos serviços.

Em 1 de janeiro de 1896 é nomeado official ás ordens de El-Rei D. Carlos.

Louvado pela maneira como procurou manter a ordem e desciplina na retirada de Calapute e Ibrahima; pelo projecto sobre promoções e sobre armamento e equipamento.

Possuia a medalha de ouro de valor militar, por serviços prestados em campanha e duas medalhas de prata *Rainha D. Amelia*.

Era official da ordem de Aviz e official da Legião de Honra.

Faleceu em Loanda no dia 1 do corrente, victima de uma apendicite.

O illustre extinto deixa viuva e quatro filhos, o mais velho dos quaes tem 17 annos e é alumno do Collegio Militar.

Seria justo que a pensão que Eduardo da Costa tinha em vida, continue para a sua viuva e filhos, como melhor recompensa a quem tão bem serviu a patria.

MAJOR EDUARDO AUGUSTO FERREIRA DA COSTA